

A Juventude Sindicalista

Realizou-se já a Conferência da Juventude Sindicalista e, por ela, se deduz que o propósito que anima os jovens sindicalistas é o de aproveitarem a sua organização para facilitarem e obterem uma educação apropriada, não só às suas aspirações revolucionárias, mas à sua própria função social, como bons e conscientes trabalhadores e militantes.

Nos primeiros tempos haviam-se deixado arrastar pela sugestão da violência, por aquele critério simplista de que a uma violência se deve responder com a violência.

A opressão violenta da burguesia, mantendo-se pela autoridade, entendiam dever responder com a violência organizada. Hoje, convencidos de que a ação violenta tem dado resultados contraproducentes, e que, ao mesmo tempo, a Juventude Sindicalista se não encontra preparada para produzir futuros militantes, tomaram a peito criar as condições indispensáveis para formar esses militantes, desenvolvendo o mais possível a sua própria educação.

Este caminho parece-nos ser efectivamente o melhor. Natural é que a Juventude Sindicalista, neste bom desejo, venha a entender-se com organismos já criados, num propósito educativo, como a Universidade Popular, a Universidade Livre, a Associação de Professores, a Escola de Representar, de Araújo Pereira, e todos quantos se propõem um objectivo de educação. A fundação dumha escola, dumha biblioteca, as palestras educativas, as leituras de artes, tudo isso pode contribuir para levantar o nível intelectual dos jovens sindicalistas e prepará-los com uma maior aptidão para realizarem no futuro uma ação consciente no meio operário.

Só são dignas de aplauso, pois, as decisões tomadas e, sobretudo, a tendência tão claramente manifestada para que os jovens sindicalistas se desinteressassem da sistemática e constante preparação dum movimento terrorista, o que não quer dizer que ponham de parte os seus entusiasmos e aptidões para a luta, sempre que em períodos de agitação se tornar necessária a resistência às violências do poder, às ditaduras e à tirania patronal.

Não deixa de ser curioso acenhar o seguinte facto: E' precisamente, depois de abolido o Tribunal de Defesa Social, quando pelos julgamentos por jurados maior probabilidade há de absolvição dos acusados de atentados, que os jovens sindicalistas tomam esta atitude de moderação e de cordura. E' precisamente quando, por parte do poder as violências se interromperam, que por parte dos jovens operários se procura realizar, de preferência a uma luta de ódios, uma obra de educação e de serenidade.

Que a burguesia aceite esta grande ideia: que não é com perseguições, com encarceramentos, com injustiças, que se consegue modificar as correntes populares.

A atitude dos jovens sindicalistas demonstra-nos ainda que, no seio do operariado, mesmo nas suas camadas mais novas, se vai adquirindo a responsabilidade do dia de amanhã e que todos procuram, dentro das suas possibilidades, tornar-se à altura da missão que o futuro lhes reserva.

Assim deve ser, e nós temos o maior prazer em o constatar.

NA PALESTINA

A atmosfera é carregada. — Uma greve de músicos de côrto

JERUSALEM, 30.—A presença de Lord Balfour em Jerusalém continua a dar motivo a grande descontentamento entre a população árabe e entre todos os elementos contrários ao movimento sionista. O aparelho militar na cidade é muito grande. Lord Balfour esteve na catedral anglicana, mas não tomou parte no serviço divino porque o bispo recebeu que se dessem tumultos. Os músicos do côrto recusaram-se a prestar os seus serviços tendo sido dissuadidos da sua altitude com muita dificuldade. — (R.)

No Sindicato Único Metalúrgico

São convidados todos os operários metalúrgicos a frequentarem as aulas que este sindicato lhem em organização para o que se encontra aberta a inscrição. Amanhã inicia-se a instrução primária.

Os vendedores de jornais em luta contra o orgão das "fôrças vivas"

Os "cirineus" da U. I. E. revelam mais uma vez quem são e de que processos indignos se servem contra os que trabalham

Num belo gesto, que devia ser seguido pelos seus colegas da província, os vendedores de Lisboa resolvem não vender "O Século"

Entre o orgão das fôrças vivas e os vendedores de jornais travou-se um conflito — e escusado será dizer-se que os vendedores de jornais têm por seu lado a razão. Quais os motivos desse conflito? Um desses vendedores relatou-nos como os casos se passaram e mais uma vez constatámos a má fé, o espírito de burla que estes cavalheiros das "fôrças vivas" põem sempre nas questões que tratam.

O Século vinha saindo demasiado tarde. Dias houve em que os vendedores chegaram à casa da venda depois das 11 horas, e algumas vezes depois do meio dia. Mas o que irritou a classe dos vendedores foi a exceção que se abriu para alguns amigos e agentes que logo de manhã vendiam em Lisboa algumas centenas de exemplares, prejudicando assim o resto da classe.

A palavra do "cirineu" Pereira da Rosa

Este proteccionismo que O Século fazia a alguns agentes que a pretexto de levarem os exemplares da gazeta para os combóios os iam vendendo pela cidade, obrigou a classe dos vendedores a tomar uma atitude. Numa assembleia geral concordíssima foi nomeada uma comissão que ficou incumbida de tratar do caso junto da empresa editora do Século.

Avisou-se a referida comissão com o sr. Pereira da Rosa, o homem das fôrças económicas que manda dentro do Século. Aquela senhora achou justa, segundo declarou, as reclamações da classe dos vendedores de jornais e prometeu que iria prover no sentido de que a venda dos jornais se fizesse no mesmo momento para todos. Quanto à hora tardia da saída do Século afirmou-se devida à desorganização dos serviços tipográficos.

Os serviços tipográficos do Século estão desorganizados? Então onde está esse espírito de organização e disciplina que as fôrças vivas se atribuem? E' curiosa esta de-

Contra o movimento das "fôrças vivas"

Os manipuladores de pão do Porto resolvem reagir contra a ação da U. I. E.

PORTO, 29.—A classe dos operários manipuladores de pão do Porto, reuniu-se em assembleia magna para protestar contra os tórios manejos dos piratas arregimentados na U. I. E. A esta reunião, que decorreu animada, assistiram delegados da Comissão de agitação da U. S. O., os quais puseram bem em relevo os verdadeiros e sinistros propósitos das fôrças reacionárias do "óculo vivo".

Depois de falarem alguns oradores da U. I. E., foi aprovada a seguinte moção:

Considerando que o jornal A Batalha, porta-voz da organização operária portuguesa, tem há dias a esta data publicado nas suas colunas o perigo reacionário que ameaça as classes trabalhadoras;

Considerando que, dum modo geral, se verifica já que as fôrças económicas iniciam uma propaganda activa no sentido de darem um golpe de morte nas nossas tão redizadas liberdades;

Considerando que o triunfo das classes conservadoras só poderá ser alcançado com o auxílio do proletariado, sua vítima é sempre;

Considerando que se torna mister desenrolar a maior propaganda possível entre os operários manipuladores de pão do Porto a fim de se prepararem para o momento psicológico, reagir convenientemente, fazendo recuar, até à sua insignificância, semelhantes detractores da verdade;

Considerando, finalmente, que por todos os meios possíveis a classe trabalhadora deve admitir que se verifique uma ditadura patronal, os manipuladores de pão do Porto, reunidos em assembleia magna, resolvem:

1.º Dar todo o seu apoio à C. G. T., quer moral, quer material, em qualquer movimento que inicie para a defesa da liberdade das classes trabalhadoras;

2.º Desenvolver entre a classe a maior agitação para se conjurar o perigo quando ele se apresente;

3.º Dar conhecimento à C. G. T. do conteúdo desta moção.

Presidência da república alemã

No primeiro escrutínio, o nacionalista Jarres obtém vantagens

BERLIM, 30.—Os resultados definitivos da eleição presidencial realizada ontem são os seguintes:

Jarres, nacionalista, 10.787.870; Braum, socialista, 7.838.676; Marx, centrista, 3.988.109; Teelman, comunista, 1.855.770; Halpach, democrático, 1.332.413; Field bávaro, 999.036; Ludendorff, pangermanista, 210.970.

O dr. Jarres necessita apenas de 50% dos votos já obtidos para vencer a eleição ao segundo escrutínio, que se realizará 28 de próximo mês de abril. — (L.)

Portanto, podemos afirmar bem alto, sem receio de desmentidos, que as touradas só interessam uma pequena parte da população do território português, que não são o

O PARAÍSO BURGUÊS

O lixo humano que a polícia varre para a cadeia

As mulheres perdidas, caçadas de noite pelas vielas, são objecto de exploração oficial

Nem sempre o impudor das instituições, das autoridades, se manifesta tão ostensivamente como no caso das ruínas das encostas postais, abrigando um bando de desgraçados que não têm onde dormir.

Muitas vezes, os representantes da lei, os mandatários das "fôrças vivas", pretendem encobrir as iniquidades tremendas da organização social, simulando que tudo caminha no melhor dos mundos possíveis, num autêntico paraíso.

Os recursos a que deitam mão para este fim são dum inventiva de merceiro rico, sim duma chateza do cabo de ordens. Aquilo que mais fere a vista, aquilo que representa e denuncia a podridão, em que esta sociedade se afunda, é escondido, em que esta mina no melhor dos mundos possíveis, num autêntico paraíso.

Hoje de manhã, segundo os informes que nos trazem à hora a que estamos escrevendo, os vendedores prosseguem na sua atitude de protesto contra esse orgão das "fôrças vivas" que tratando dum brutalmente e com tanto desprazer dezenas de criaturas que o servem, se esquece tão depressa dos relevantes serviços que deve a uma classe tan laboriosa.

As "fôrças vivas" desrespeitam os que servem

Hoje de manhã, segundo os informes que nos trazem à hora a que estamos escrevendo, os vendedores prosseguem na sua atitude de protesto contra esse orgão das "fôrças vivas" que tratando dum brutalmente e com tanto desprazer dezenas de criaturas que o servem, se esquece tão depressa dos relevantes serviços que deve a uma classe tan laboriosa.

As "fôrças vivas" são assim. Clamam contra os operários que classificam de mandriões, de criminosos e outros epitétos ofensivos. Não contentes em roubar o povo trabalhador vendendo-lhe os géneros caríssimos, comprazem-se em explorar os que o servem e em vexá-los miseravelmente como neste conflito com a classe dos vendedores de jornais.

Toda a imundice da vida social do paraíso burguês é eliminada por este processo. Um lixo que se afira para os cantos.

Claro que os focos de infecção vão aumentando, mas a ilusão da limpidez é completa... completa para elas.

Velhacos e tolos, e depois de tolos, negociantes. E' verdade. Negociantes. Quando os donos da sociedade imunda, finjam promover uma obra de sanitade, acabam por realizar um lucro respeitável com essa obra de velhacaria.

E' o caso da intervenção das autoridades quando pretendem demonstrar que se interessam por afetar esse tremendo cancro social, que é a prostituição. E' curioso investigar como se procede nestes casos.

Uma noite, uma noite que se repete infinitas vezes, uma brigada de polícias é encarregada da missão altíssima de velar pela moral e não consentir que as principais ruas da cidade ofereçam o espetáculo vergonhoso dumha capital infestada por bandos de desgraçadas, que alugam a carne, as carnes secas pela fome e pelo frio, oferecendo a um mínimo rebuço aos transeuntes. Os polícias são encarregados, como se depreende, dumha verdadeira obra de saneamento da cidade.

Passam-se então scenas de arripiar.

O quadro requer pinceladas incisivas de águas-forte, sensibilidades apuradas e resistências, que saibam ver a tragédia humana, quando ela se arrasta em scenários malditos, tenebrosos.

E' sempre assim, o ambiente do paraíso burguês. Negro, muito negro.

Al! Mais, o pior é que as desgraçadas voltam a aparecer.

Elas são postas novamente a circular na rua. Na noite seguinte, à volta a mortal, sob a forma de uma ruiva brutal, e elas a caminhar de calabouço, a aumentar ainda mais a imundice do seu vestuário, e do seu corpo, como uma casa muitas vezes varrida, mas que vai deixando ver o lixo amontoando-se debaixo dos móveis.

E' pior o lixo que se deita ao mar, que se atira para debaixo dos móveis é este lixo humano, cada vez que é varrido para um calabouço e fica tudo em paz. Podem os burgueses gastar melhor. Podem os Roll-Royces circular sem contrastes revoltantes.

Al! Mais, o pior é que as desgraçadas voltam a aparecer.

Elas são postas novamente a circular na rua. Na noite seguinte, à volta a mortal, sob a forma de uma ruiva brutal, e elas a caminhar de calabouço, a aumentar ainda mais a imundice do seu vestuário, e do seu corpo, como uma casa muitas vezes varrida, mas que vai deixando ver o lixo amontoando-se debaixo dos móveis.

E' pior o lixo que se deita ao mar, que se atira para debaixo dos móveis é este lixo humano, cada vez que é varrido para um calabouço, deixa sempre lá ficar algum dinheiro, sob o pretexto de pagamento de multa.

Al! Mais, o pior é que as desgraçadas voltam a aparecer.

Elas são postas novamente a circular na rua. Na noite seguinte, à volta a mortal, sob a forma de uma ruiva brutal, e elas a caminhar de calabouço, a aumentar ainda mais a imundice do seu vestuário, e do seu corpo, como uma casa muitas vezes varrida, mas que vai deixando ver o lixo amontoando-se debaixo dos móveis.

E' pior o lixo que se deita ao mar, que se atira para debaixo dos móveis é este lixo humano, cada vez que é varrido para um calabouço, deixa sempre lá ficar algum dinheiro, sob o pretexto de pagamento de multa.

Al! Mais, o pior é que as desgraçadas voltam a aparecer.

Elas são postas novamente a circular na rua. Na noite seguinte, à volta a mortal, sob a forma de uma ruiva brutal, e elas a caminhar de calabouço, a aumentar ainda mais a imundice do seu vestuário, e do seu corpo, como uma casa muitas vezes varrida, mas que vai deixando ver o lixo amontoando-se debaixo dos móveis.

E' pior o lixo que se deita ao mar, que se atira para debaixo dos móveis é este lixo humano, cada vez que é varrido para um calabouço, deixa sempre lá ficar algum dinheiro, sob o pretexto de pagamento de multa.

Al! Mais, o pior é que as desgraçadas voltam a aparecer.

Elas são postas novamente a circular na rua. Na noite seguinte, à volta a mortal, sob a forma de uma ruiva brutal, e elas a caminhar de calabouço, a aumentar ainda mais a imundice do seu vestuário, e do seu corpo, como uma casa muitas vezes varrida, mas que vai deixando ver o lixo amontoando-se debaixo dos móveis.

E' pior o lixo que se deita ao mar, que se atira para debaixo dos móveis é este lixo humano, cada vez que é varrido para um calabouço, deixa sempre lá ficar algum dinheiro, sob o pretexto de pagamento de multa.

Al! Mais, o pior é que as desgraçadas voltam a aparecer.

Elas são postas novamente a circular na rua. Na noite seguinte, à volta a mortal, sob a forma de uma ruiva brutal, e elas a caminhar de calabouço, a aumentar ainda mais a imundice do seu vestuário, e do seu corpo, como uma casa muitas vezes varrida, mas que vai deixando ver o lixo amontoando-se debaixo dos móveis.

E' pior o lixo que se deita ao mar, que se atira para debaixo dos móveis é este lixo humano, cada vez que é varrido para um calabouço, deixa sempre lá ficar algum dinheiro, sob o pretexto de pagamento de multa.

Al! Mais, o pior é que as desgraçadas voltam a aparecer.

Elas são postas novamente a circular na rua. Na noite seguinte, à volta a mortal, sob a forma de uma ruiva brutal, e elas a caminhar de calabouço, a aumentar ainda mais a imundice do seu vestuário, e do seu corpo, como uma casa muitas vezes varrida, mas que vai deixando ver o lixo amontoando-se debaixo dos móveis.

E' pior o lixo que se deita ao mar, que se atira para debaixo dos móveis é este lixo humano, cada vez que é varrido para um calabouço, deixa sempre lá ficar algum dinheiro, sob o pretexto de pagamento de multa.

Al! Mais, o pior é que as desgraçadas voltam a aparecer.

Elas são postas novamente a circular na rua. Na noite seguinte, à volta a mortal, sob a forma de uma ruiva brutal, e elas a caminhar de calab

CARTA DO PORTO

Aburla dos bairros operários

A Câmara só se preocupa em dar abrigo aos "pobres" proprietários e afilhados. — Podem cair as casas, o que é necessário é construir capoeiras artísticas

A Câmara Municipal do Pórtio de vez em quando dá-lhe para embicar com os bairros operários, isto é: com os seus inquilinos. É uma senhoria de má catadura e persistente rapacidade, para equilibrar desbarato que vai pelas suas finanças.

Como é do conhecimento dos municípios portugueses, há aproximadamente seis anos que se edificou o bairro operário da Arrábida.

O que presidiu à ideia da sua construção foi o espírito de filantropia, assistindo-se às necessidades das criaturas pobres, auxiliando-se o abrigo, a habitação das famílias operárias de reduzidos recursos.

Por isso, e para efeitos também de simpatias eleitorais, fixou-se a primitiva renda mensal de 2500. Tem sucedido, porém, que em vez de se dar preferência a operários vivendo em precárias circunstâncias, se tem atendido a pessoas remediatas e que possuem a facilidade de mexerem meio mundo camarário sob a galvânica pressão das influências políticas.

O bairro da Arrábida perdeu, desistir, a cognominação de "operário", para passar a usar o nobre título de "afilhados", "apaparicados".

Talvez por o bairro da Arrábida ser, na sua maior parte, pertença de criaturas bastante remediatas e até — beneficiária municipal! — de proprietários, é que a Câmara pouco se tem preocupado com ele, cujas reparações das casas têm sido, durante os últimos seis anos, muito vagas, para não dizermos nenhuma...

Talvez ainda mereça do mesmo motivo, é que a nossa municipalidade se lembrava antes de elevar, de 2500 para 7500, a renda do referido bairro de remediatas, e, mais tarde, de 7500 para 15000, a fim de não ficar atrás dos belos exemplos dos seniores particulares.

E certo que, por este tempo, e para que o "saco" dos indústrios colhesse bem a "pesaria" das sobrecargas rendosas, o vereador respectivo fez a solene promessa de quemandaria lavar, cair, o interior e exterior dos edifícios, bem como fechar os fogões.

A ação do sufrágio estava ainda muito longe, e, assim, as obras reparadoras e higienistas foram apenas feitas às casas de meia dúzia de inquilinos, daqueles mais considerados. Os outros que se aguentem, se não que se vão embora, pois já existem novos pedidos e se mexem novas influências...

Do que se deveria agora lembrar a Câmara, bastante fértil em engenhocas interessantes? Mandar cair as casas, arranjar e pintar as janelas, evitando que os vidros estejam a cair? Para tanto não chega o poder locubrador da edilidade distinta da nossa fomosa terra. O que ele espereitou a arrepanha de mais 20000, além dos 15000 da renda, sob o descurado pretexto de que pretende fechar as ruas transversais do bairro.

Se o inquilino não concordar com estes desígnios "cambaristas", ele passará, como inílexível represália, a pagar 5000 de renda, visto que o fechamento das ruas transversais será então "feito a expensas" do município.

Não vale a pena ressaltar esta flagrante injustiça de obrigar os inquilinos de um bairro "operário" a pagar obras secundárias que os "ilustres" vereadores tiveram a veneta de sonhar...

Fechar os fogões como prometeram, a quando da elevação do aluguer, isso não está na alcada da Câmara. Dentro das suas atribuições, está simplesmente o desejo firme de se fechar as atulidas ruas transversais e de se organizar plantas de capoeiras artísticas e sob a fantasia estética dos ricos senadores, trabalhos que os inquilinos têm, de custear com língua de palmo.

Como a Câmara tem consentido que os inquilinos de vida bastante desanuviada possam habilitar as moradias do bairro e, portanto, perdesse a noção de que o bairro da Arrábida foi levantado para assistência a operários de minguidos recursos — ela não vê que no bairro há, contudo, algumas criaturas pobres que estão impossibilitadas de contribuir para o novo modelo das capoeiras e para a "fechadura" das tais ruas transversais, embora as casas minúsculas da Arrábida continuem ao "deus-dara", ao abandono...

Corre-nos fazer estas perguntas, para finalizarmos as nossas considerações:

Qual é o motivo porque a Câmara, quando aluga as casas destinadas aos operários, não tira os necessários informes que a habilitem a verificar se os concorrentes são pobres, remediatos ou proprietários?

Porque que há tanto desleixo para o bairro "operário" da Arrábida e não cede outro tanto para o da Prelada? Será por lá morar o chefe da 4.ª repartição, o qual, segundo nos afirmam, se avorou em dono dos bairros e é quem todo lǒmanda?

Oh! os bairros operários da Câmara!

O que vale é que, ao que se diz, o "samarador" já está preparando o caixão para o breve enterramento da actual vereação que o Pórtio lhe vai fazer com o indispensável acompanhamento de Offenbach...

28-Março-1925.

C. V. S.

Sociedades de recreio

Grupo Dramático "Solidariedade Operária". — Reúne hoje a direcção, às 21 horas.

As anomalias para não darmos saltos bruscos que podiam comprometer a marcha disciplinada para o grande dia de amanhã, mas que ao menos se junta o útil ao agrável. Que essas festas produzem o pão indispensável para o estômago e a não menos indispensável juiz, para os espíritos. Que nem uma só ideia reservada pressiona à sua orientação sob pena de serem imediatamente desmascarados. Os seus falsos organizadores. Que, numa única divisa se admite "fazer o bem pelo bem".

Assim conclui a sr. D. Vitória Pais a sua brilhantíssima conferência que a todos deixou magnificamente impressionados.

O comício dos radicais no Teatro Nacional

Quasi todos os oradores atacaram o partido democrático e as "fórgas vivas"

Na proximidade das eleições é praxe multiplicarem-se as sessões e os comícios políticos.

Os organizadores do comício radical de anteontem no Teatro Nacional, afirmaram, porém, que o seu comício era de propaganda republicana e não de propaganda eleitoral. Seria? Não seria? Os leitores podem concluir pelo extrato que dessa reunião passamos a fazer.

O comício que foi presidido pelo sr. Almeida Arez, teve, por primeiro orador, o sr. António Joaquim de Magalhães.

Há dois esquerdistas: o dr. sr. José Domingos dos Santos e o do partido radical. Qual é o melhor? O orador, é claro, só encontra um esquerdisto digno desse nome: o seu esquerdisto, o esquerdisto do seu partido.

Quanto ao dr. sr. José Domingos dos Santos esse não passa dum máscara, a máscara que melhor serve as suas ambições pessoais. Ataca as "fórgas vivas" e a propaganda reacionária do sr. Homem Cristo (filho) que classifica de aventurero e de caricatura grotesca de Mussolini.

O orador diz que é preciso fazer uma república "republicana" onde haja pão, escolas e liberdade para todos, em oposição a esta república de manto e cordão... Termina soltando um viva à ditadura do proletariado, a uma parte da assistência responde com vivas ao partido radical e a outra aplaudindo a *Batalha* e a C. G. T.

Segundo orador: o sr. Arnaldo de Carvalho. Elogia largamente o partido radical, considerando-o o único capaz de salvar o país e a esperança suprema da hora presente.

Uma voz: A esperança suprema é a revolução social.

Apresenta saudações ao Chefe de Estado. Elogia o dr. António José de Almeida o que dá lugar a várias exclamações da assistência:

— Olha o barrete...

— Mandem-no para Roma...

— Saída também o António Maria...

O orador prossegue elogizando agora os sr. João Chagas e Bernardino Machado por entre manifestações hostis da assembleia.

Termina num ataque cerrado ao partido democrático que, sendo conservador, anda agora assumindo atitudes e fazendo afirmações esquerdistas.

Realizou-se em Beja um comício de propaganda da fracção esquerda do partido democrático

Beja, 29.—A facção esquerda do partido democrático veio a esta cidade realizar um comício de propaganda. Assitiram a ele cerca de 3000 pessoas, não tendo registado nenhuma manifestação de desagrado.

Presidiu o sr. Henrique Silva, secretário político dos sr. Sá Pereira e Barbosa Soeiro.

O primeiro orador sr. Pina de Moraes começou por evocar a paisagem e a vida das províncias portuguesas, considerando o Alemtejo um campo amplo e interminável, onde não há sombra, a não ser a que vem de cima.

Entrando depois na análise dos acontecimentos políticos, deplora o tempo perdido e as épocas que se têm atravessado em perfeita sonolência.

A república precisa de tribunas, de imprensa, de homens que tenham a coragem precisa para dizer e mostrar as suas intenções.

Faz a apologia do governo de José Domingos dos Santos, que durou pouco tempo, vitimado por um combate desastre da poluição, na defesa dum povo esmagado pelo comércio e pela finanças.

Termina classificando de ignobres os processos de que se servem aqueles que pretendem manter-se em criminosas opulência e iníquo poder. Mas o povo comece a acordar e a ver que quem conta direitos, invalida as forças que se puserem em marcha para um futuro melhor.

O sr. Barbosa Soeiro, que fala a seguir, diz que os políticos que são inimigos da liberdade traem a república. Analisando os que se apelidam de "forças produtoras" diz que trabalhar não é receber, dividindo os grandes companhias e gastá-los em prazeres miseráveis.

Trabalhar é revolver a terra; é criar nas oficinas os artefactos das indústrias modernas; é esforçar-se no seu gabinete o pensador a produzir por um futuro melhor.

Fez o discurso, afirmando que é necessário implantar nesta república, uma república verdadeira e progressiva.

O sr. Pestana Júnior acentua que a sua missão no governo José Domingos foi saudar as orelhas aos bancos, mostrando que o país inteiro não pode estar na dependência dos banqueiros. A riqueza não pode permanecer eternamente dentro dos bancos, concorrendo para o luxo das famílias legítimas ou ilegítimas.

Em plena democracia há ainda quem considere uma heresia a afirmação de que a propriedade só é legítima quando reverte em proveito da colectividade. É preciso tocar nas arcas santas das burras dos capitalistas, porque a sociedade encaminha-se para o aperfeiçoamento do indivíduo pelo indivíduo.

O sr. Pestana Júnior acentua que a sua missão no governo José Domingos foi saudar as orelhas aos bancos, mostrando que o país inteiro não pode estar na dependência dos banqueiros. A riqueza não pode permanecer eternamente dentro dos bancos, concorrendo para o luxo das famílias legítimas ou ilegítimas.

Trabalhar é revolver a terra; é criar nas oficinas os artefactos das indústrias modernas; é esforçar-se no seu gabinete o pensador a produzir por um futuro melhor.

Fez o discurso, afirmando que é necessário implantar nesta república, uma república verdadeira e progressiva.

Carlos Rates que se segue no uso da palavra, saída no sr. José Domingos dos Santos todos os valores morais e mentais da esquerda republicana. Fala pelo partido comunista e explana e defende o seu programa de realizações imediatas. O seu partido apresenta-se sózinho nas urnas, excepto em Beja pela consideração que lhe merece o deputado, por aquele círculo, sr. Sá Pereira que durante 14 anos de vida parlamentar tem atravessado a política sem que tivesse vendido.

Se outro vier será combatido.

O sr. Ezequiel de Campos diz que é um republicano selvagem, sem filiação em partido, tendo colaborado com o governo José Domingos por que este trabalhava pelo povo. O governo foi contrariado e derrubado porque os interesses das oligarquias conseguiram passar por cima dos interesses do povo.

Falou ainda largamente do problema ceareiro.

O sr. Sousa Júnior agradeceu as palavras amigas de Carlos Rates e descreve o analisafismo em que vive três quartas partes da população. Defendeu largamente a descentralização do ensino.

António José Pinto falou para se defender à classe ferroviária das calúnias de

Os livros e os autores

MATERNIDADE — peça em 4 actos, por Archer de Lima

Editedo pela Livraria Universal, da Calçada do Combro, publicou o sr. Archer de Lima uma peça em 4 actos, antecedida por um valioso estudo crítico acerca das origens do Teatro, e mais especialmente, sobre o teatro português.

Se a peça confirma as qualidades de escritor já encinadas noutros teatralhos, o estudo crítico revela um sério e apreciável esforço, qualidades de investigador metódico e sóbrio, e um sentido superior sobre a missão da crítica.

Notável nesse estudo especialmente a parte dedicada a Camilo, em que o sr. Archer de Lima conclui, e muito bem, que "a maneira como Camilo encarou o teatro está muito longe dum cérebro como o seu".

Pelo que respeita à peça *Maternidade*, embora a consideremos irrepresentável sem indispensáveis modificações, é um trabalho valioso como obra de tese, de emoção, com um entrecho nada banal, que se afigurou influenciado na maneira de Ibsen.

Com o mesmo processo do grande teatro dos *Espectros*, o sr. Archer de Lima move os seus personagens, abandonando-as à fatalidade das taras, à tragédia hereditária que poucos os destinos de cada um.

Toda a ação gira ao redor dum figura doce, de mulher Edelmeia Morin, grande sensibilidade moral, curiosa figura de artista doida-lucida, que vive com um escritor, de quem tem uma filha.

Esta ligação não é legítima à face das leis, por que o escritor é casado com outra mulher, e por isso, embora a grande afiliação que os une os torna quase felizes, elas vivem naquele sombrio isolamento, sempre em sobressalto.

Um dia, a mãe do escritor, procura a amante do filho para lhe provar o procedimento, e lança-lhe a filha, se precipita de ponte sobre o mar, tem grandeza, fraca literariamente, como teatro faltaria quase por deficiências de realização.

Bem entendido que estes reparos não invalidam o que há de valioso na obra que acabamos de noticiar.

— Diga-nos, viu alguma coisa?

— F. para *A Batalha*? perguntou-nos.

— Sim, é para *A Batalha*. É preciso dizer tóda a verdade. Isto não pode ser, nem nem podemos estar à mercê de qualquer bandido vestido de *mantenedor da ordem*.

O nosso entrevistado contou:

— Como o batalhão era grande, cheguei à porta, a minha porta, estendendo no chão,

— Olhe, está ali em baixo uma mulher,

que também viu matar o militar Julio.

Fomos à sua procissão, e, de facto, encontrámos-a. Chamou-se Adriana Pereira, morava também na rua Direita. Ela confirmou-nos o que as anteriores testemunhas nos disseram.

Como acima dizemos, os quartéis estão

de prevenção. Teme-se a todo o momento

que alguns militares tentem assaltar a esquadra de polícia, sendo geral a indignação.

— Nisto chega um polícia, vinha a correr

de fundo da rua e trazia na mão a pistola.

— O Raimundo Costa que estava na valeta, tenta erguer a custo.

Depois soaram três tiros. O rapaz caiu no solo e a polícia fugiu. Manteve o porém prender e desarmar em seguida.

Alguém se aproxima de nós, e diz-nos:

— Olhe, está ali em baixo uma mulher,

que também viu matar o militar Julio.

Fomos à sua procissão, e, de facto, encontrámos-a. Chamou-se Adriana Pereira, morava também na rua Direita. Ela confirmou-nos o que as anteriores testemunhas nos disseram.

Como acima dizemos, os quartéis estão

de prevenção. Teme-se a todo o momento

que alguns militares tentem ass

A BATALHA

A Conferência Juvenil de Lisboa encerrou no domingo os seus trabalhos

Na última sessão foi aprovada a tese sobre as relações com a organização operária e um protesto contra as touradas

Terminaram os trabalhos da Conferência Juvenil de Lisboa, com a realização ontem da 8.ª sessão. Presidiu o delegado da U. S. O., e secretariaram João Pereira Coelho e João Miranda.

Vasconcelos Silveira, relator da tese "Relações com a organização operária", procedeu à sua leitura, ao entrar-se na ordem dos trabalhos. A discussão dessa tese foi iniciada por Carrascalão e Emídio Santana que apresentou a seguinte emenda à sua 4.ª conclusão.

Atendendo que o jovem - ao aceitar cargos nos seus sindicatos - deve fazer por livre vontade e não por indicação do N. J. S. de Lisboa, proponho que seja emendada a conclusão 4.ª da seguinte forma: 4.ª Que na educação a ministrar nas Juventudes Sindicalistas sejam orientados os jovens para os seus deveres sindicais, interessando-os pelo seu sindicato.

Seguiram-se no uso da palavra Carrascalão, Virgílio de Sousa, Caetano e o relator da tese que propõem, em questão prévia, que a tese passe a denominar-se: "Relações do N. J. S. de Lisboa com a organização operária local".

O delegado da Federação Juvenil declara abster-se de discutir a tese por entender que esta vai de encontro à estrutura federal. Virgílio de Sousa, que falou sobre as conclusões da tese, propõe as seguintes emendas:

1.º As relações entre o N. J. S. de Lisboa e a organização operária local basear-se-ão na mais estreita e amistosa solidariedade moral e material, e na colaboração por parte da mesma organização operária na realização da ação educativa e de preparação revolucionária da mocidade trabalhadora.

2.º Que tendo os jovens sindicalistas

necessidade de ensinamentos práticos, devêr o N. J. S. de Lisboa considerar os militantes operários e a organização operária local a ministrá-los aos seus filiados.

3.º Os jovens sindicalistas farão sempre a propaganda da Organização Operária e dos seus métodos de luta e os delegados da organização operária em missão de propaganda realizarão uma propaganda tendente a integrar a mocidade trabalhadora nos seus núcleos juvenis em conformidade com as conclusões da tese aprovada no Congresso Operário da Covilhã.

Depois de falarem Emídio Santana, M. J. de Sousa e Manuel Pérez são estas emendas aprovadas.

Virgílio de Sousa propõe que seja elogiada a 5.ª conclusão, que tem a redação seguinte:

"O núcleo manterá ligações e correspondência com os organismos operários, respondendo às consultas que lhe forem feitas e às quais esteja habilitado a responder, bem como dará a sua opinião sobre assuntos que à organização operária possam interessar".

Discussiram a proposta de E. Santana este e M. J. de Sousa.

Rozendo José Viana fala sobre a maneira como a tese e as propostas têm sido discutidas. Diz ser necessário precisar a forma de se estabelecer o contacto entre as duas organizações, sendo em seguida aprovada a proposta de E. Santana.

Posta à discussão a proposta de Vergílio de Sousa, falam sobre ela Jerônimo de Sousa e José dos Santos que manifestam a sua discordância por aceitarem a 5.ª conclusão da tese.

O delegado da C. G. T. concorda com

O SINDICALISMO EM MARCHA

Marítimos de Tavira

Muitos trabalhadores se inscreveram para a constituição do seu sindicato

TAVIRA, 27.—Promovidos pela Federação Marítima, que enviou dois de seus delegados Francisco Luiz Veríssimo e Manuel Fagundes de Almeida, realizaram-se nesta cidade nos dias 19 e 22 do corrente dois "conflitos de propaganda sindical" com o fim único de formar o sindicato marítimo.

Falou o camarada Veríssimo, delegado da Federação Marítima, que salientou em breves palavras o que é o sindicato, e a necessidade de união, no momento actual, de todo o proletariado.

Em seguida o camarada Almeida expôs a exploração iníma das empresas pescadoras e o abandono a que os marítimos voltam as suas revindicações sociais. E' necessário que se organizem, porque organizados terão a força necessária para se imporem contra o roubo e lucros fabulosos das empresas, o que provou com numerosos. Entretanto os marítimos encontram-se na última das misérias.

Toma a palavra o camarada Joaquim Bento, representando o sindicato marítimo de Faro, que referiu a mancice como os marítimos desta terra têm posto de parte os seus interesses e o abandono inexplicável em que têm deixado o sindicato.

No dia seguinte muitos marítimos se fizeram inscrever para a fundação do sindicato, andando por perto de 400 o número de marítimos já inscritos.—E.

A ação da Federação Marítima no Norte

PORTO, 25.—Havia um certo receio de que os trabalhadores fluviais ficassem fora da Federação, não acatando as resoluções do aumento de cota. Felizmente, aquela classe compreendeu as necessidades da Federação e os encargos de que está possuída, desfazendo-se, assim, a atmosfera pessimista que ao redor dos trabalhadores fluviais se formara.

A reunião dos trabalhadores fluviais do Porto e Gaia para definitivamente se pronunciarem perante a Federação, teve lugar ante-ontem pelas 18 horas com a participação de Antônio Ferreira Labeca e Alvaro da Silva, representantes da delegação de propaganda federal do Norte, e Silvino Noronha, delegado da Federação Marítima.

Depois de Antônio Ferreira Labeca apresentar e justificar o fim da sua vinda ao norte, o delegado da Federação, Silvino Noronha explica detalhadamente a sua missão, atinento a dar execução às resoluções tomadas no congresso marítimo de Aveiro.

Após alguns camaradas terem feito uso da palavra e apresentado diversas propostas, tendentes a materializarem a adesão à Federação, Silvino Noronha voltou a dar amplos esclarecimentos, sendo, por fim, aprovado o seguinte documento:

"Proponho que cada associado contribua com \$05 por cada dia de trabalho para a Federação Marítima, continuando a cota para o sindicato como até a data—1500 mensais".

Terminou, pois, a missão de propaganda dos delegados da Federação Marítima, juntando-se à adesão efectiva dos barqueiros e fragateiros, descarregadores e carregadores de terra e mar do Porto e Gaia, operários da construção naval do Porto, Gaia e Leixões e maquinistas fluviais do Porto e Gaia e dos descarregadores de mar e terra de Leixões. Os pescadores da Alfândega deram a sua adesão em princípio.

Faltam definir a sua situação os estivadores de Leixões. Contudo, a sua direção encarregou-se de apresentar e defender numa proxima assembleia o estabelecimento dum cota de \$05 diários por cada sócio que trabalha e para a Federação.

Por aqui se vê que só os marítimos da Foz do Douro é que deliberadamente deram um mau passo, desligando-se da Federação por uma "questão" de 5 insignificantes centavos. Era precisamente daquelas que não se esperava uma tal partida. Mas, emfim...—C.

NOVIDADE LITERÁRIA

Acaba de aparecer com grande êxito de livraria os novos livros de Júlio Quintalha

Cavalgada do Sonho

(Novelas)

Preço—Cada, 850; pelo correio, 950

Pedidos à administração de A. Batalha.

Sindicato Único dos Fogueiros

de Mar e Terra

Avise-se os sócios em atraso, que estão arquivados, serão eliminados não pagando os seus atrasos no prazo dum ano para os que estão fora do continente, e seis meses para os que estão no continente

Higiene social

O álcool, ao contrário do que muita gente pensa, não aquece, aniquila — O que os regimes capitalistas ainda poderiam fazer

Trabalhos recentíssimos e muitos outros, que não são para este momento estudos, nem para serem lidos por quem não conhece a fisiologia humana, isto é: o estudo das funções do nosso organismo, vêm confirmar que as bebidas alcoólicas constituem, principalmente quando ingeridas em doses exageradas, não só um perigo para a nossa saúde e dos nossos filhos, como, representam um verdadeiro flagelo social.

Claro está, que quem beber um copo de dois decilitros de cerveja, uma ou outra vez, ou mesmo diariamente, desde que se alimente bem e não tenha doença alguma, não correrá perigo algum.

E' preciso também atender que nem todos os indivíduos reagem pela mesma forma e com igual intensidade ao álcool ou a qualquer outro veneno.

Finalmente não quer largar este assunto sem vos citar um caso, que confirma a verdade de se resistir menos aos grandes frios quando se ingerem bebidas alcoólicas, o que se explica, porque o álcool (a pesar de nos dar a ilusão de nos aquecermos quando o ingerimos) não só porque se dá apenas um deslocamento de calor do interior para a pele, como também se perde calor, perda essa facilidade de vaso-dilação da pele. Quere dizer: não só se não obteve calor com o álcool, como foi desperdiçado, estragado o calor produzido pelo nosso organismo. Não se dispõe do vaso-constricção cutânea, como defesa contra a dispersão do calor, ao mesmo tempo que fica diminuída a produção de calor do organismo, visto o álcool retardar as combustões interiores, o nosso corpo fica em precárias condições, com muito menos resistência, não só ao frio, como a diferentes doenças. O caso observado é o seguinte:

Tropas americanas, atravessando a serra Nevada, acamparam num ponto acima da linha das neves e num sítio desabrigado. Alguns dos homens ingeriram uma forte量 de álcool antes de se deitarem; estes sentiram-se reaquecidos e adormeceram contentes. Outros beberam pouca porção de álcool, e deitaram-se, queixando-se de alguns dêses de frio. O terceiro grupo de homens não ingeriram álcool algum; deitaram-se completamente gelados e não se sentiram bem.

No dia seguinte, o 3.º grupo, isto é, os que não beberam álcool, acordaram perfeitamente bons e bem dispostos; os do 2.º grupo, que tinham ingerido pouco álcool, levantaram-se com muito frio; quanto ao 1.º grupo, os que tinham ingerido faltas doses de álcool, já não acordaram, pois que morreram de frio, durante a noite. São numerosos os povos das regiões frias, que têm sido vítimas desta ilusão do aaquecimento e do reforço pelo álcool.

Os suecos foram os primeiros a perceberem esta ilusão, donde resultou declararem esta ilusão, donde resultou declararem uma guerra ao álcool, sendo esplêndidos os resultados dessa resolução, visto que a degenerescência que os ameaçava, no princípio do século passado, às medidas tomadas contra o uso e abuso do álcool e graças a uma educação, intelectual e física racionais, o povo sueco pode ser tomado como exemplar do vigor e da saúde.

O secretário geral informa sobre as delegações como representante da Federação marítima e naval.

Assembleia geral, 21 horas, para continua-

ção do debate sobre a crise de trabalho, da

comissão de propaganda da